

"Panos quentes" sobre as crises

De imediato, a tropa do presidente Lula entrou em cena e descartou qualquer perigo, dizendo que tudo estava sob controle

Karlon Aredes

Diante de três grandes acontecimentos que ameaçam a tranquilidade no Brasil, vimos a capacidade de o governo colocar "panos quentes" sobre os fatos. O primeiro ocorreu no episódio sobre o possível apagão energético para este ou o próximo ano, perigo que foi alertado pelo próprio presidente da Agência Nacional de Energia Elétrica, Jerson Kelman, que admitiu a necessidade de racionamento. De imediato, a tropa do presidente Lula entrou em cena e descartou qualquer perigo, dizendo que tudo estava sob controle, que temos gás para as termelétricas e plano B para contornar o risco.

A segunda veio no último domingo, quando o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, fez um pronunciamento à nação descartando risco de epidemia de febre amarela, apesar da comprovação de focos e do crescente número de mortes pela doença. Por fim, durante a semana, a "Tropa de Elite" econômica veio à tona para afastar qualquer risco de o Brasil ser afetado pela crise nos Estados Unidos, provocada pela bolha de inadimplência de mutuários e que está culminando em baixa oferta de crédito, redução do consumo, desemprego e inflação naquele país.

Todo o mundo está preocupado com as notícias norte-americanas, que a cada balanço de banco ou grande empresa se agrava, já que os lucros em 2007 não foram lá essas coisas quando comparados aos verificados em anos anteriores. O perigo de efeitos no Brasil é, sim, real. Trata-se de um grande parceiro comercial e de uma economia que, sozinha, importa 4% do PIB mundial. Se eles param de comprar, perdemos divisas importantes e há um efeito imediato sobre os preços de commodities. Tais produtos como minério de ferro, aço e agrícolas têm peso expressivo na exportação brasileira, ainda carente de composição de produtos manufaturados e de valor agregado.

Os reflexos desse perigo de crise nos Estados Unidos já são sentidos com a desvalorização de Bolsas pelo mundo afora, inclusive no Brasil, com quedas sucessivas na Bovespa. Muitos analistas dizem que a crise já é realidade nos EUA e que o mundo deve se preparar para enfrentá-la. Botando "panos quentes", o ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse que, por enquanto, não há necessidade de planos emergenciais para blindar o Brasil, já que a aposta do governo é que o consumo interno segura a economia também neste ano, como ocorreu em 2007. Uma fé grande, mas, talvez, seria prudente alguns ajustes nos gastos do governo e mais apoio ao setor produtivo nacional, que poderia suprir em vários países uma possível perda de negócios com os Estados Unidos. Esse apoio passa por investimentos em infra-estrutura, como energia, estradas e portos. Mas, acho, é pedir muito.

Sobre os reflexos na Bolsa, o investidor ou candidato a investidor, pergunta se é hora de entrar ou sair, vender ou comprar ações. O mercado de capitais é um investimento de longo prazo. Quem tem dinheiro, mas planeja usá-lo em curto ou médio prazo para adquirir algum bem é melhor não aplicar em ações agora. A oscilação da Bolsa é algo quase impossível de prever, por isso, aplicações devem ser por um tempo superior a um ou dois anos. Aí, sim, há mais possibilidade de colher boas rentabilidades. Crises no mundo afora vêm e vão, e a Bolsa é sensível a elas. O negócio é ter paciência e acompanhar os fatos para não perder dinheiro.

In: "Panos quentes" sobre as crises. **O Tempo**, Opinião, Mídia Online, 19 janeiro.2008.